

MANUEL CLEMENTE

**NÃO FORCES,
A VIDA FLUI**

*O medo é a não aceitação da incerteza,
se a aceitarmos transforma-se numa aventura.*

Rumi

«SÓ TENS DE SER TU PRÓPRIO»

*Cada pessoa possui três personalidades:
a que exhibe, a que tem e a que pensa que tem.*

ALPHONSE KARR

O ano de 2011 marcou o final da minha vida acadêmica e, por conseguinte, o início da minha experiência laboral. Levava na mão um «canudo» que dizia que eu percebia de gestão e engenharia industrial. Isto, na teoria. Pois a verdade é que, no auge da verdura dos meus 22 anos, não me sentia nem gestor nem engenheiro de coisíssima nenhuma.

Naquele verão, não fiz eu outra coisa que não fosse disparar currículos para todas as multinacionais que se mexiam. Estava ansioso por arranjar trabalho e poder provar a mim mesmo que os estudos não tinham sido em vão. Sentia também medo de ficar para trás em relação aos meus ambiciosos e determinados colegas. Enfim, parvoíces.

Felizmente, algumas dezenas de candidaturas depois, comecei a ser chamado para as primeiras entrevistas. Aquelas convocações causavam em mim um misto de entusiasmo e pavor. Não fazia ideia do que vestir, o que dizer e muito menos quem ser. Queria agradar, ficar bem visto e conseguir finalmente encaixar no mercado de trabalho.

Antes de sair de casa, a minha mãe dizia-me sempre o mesmo: «Manel, só tens de ser tu próprio.» Aquelas palavras revestiam-me de coragem e motivação, mas só até chegar à porta do carro. Assim que entrava, olhando pelo retrovisor, via-me numa roupa que não era a minha, e tão-pouco sabia fazer de mim mesmo. Ainda me faltava descobrir primeiro quem eu não era.

Apesar de certas, as expressões que começam por «só tens de» tendem a camuflar toda uma rede complexa de decisões. Em algum momento, provavelmente já todos dissemos isto a alguém: «Só tens de ser feliz.» É verdade, é um facto. No entanto, caso a pessoa não saiba como ser feliz ou como ser ela própria, a frustração é ainda maior.

Assim que nascemos, todos somos presenteados com uma essência e originalidade únicas. Ninguém é igual a ninguém e isso é o que nos torna especiais e essenciais. Existe uma pureza e genuinidade que caracterizam os primeiros anos das nossas vidas. À medida que crescemos, vamos sendo expostos a vários condicionalismos inerentes ao ambiente que nos rodeia. Indefesos e inconscientes, absorvemos que nem esponjas o que nos dizem e o que vemos.

Somos o resultado do sítio onde vivemos, da educação que recebemos, das experiências por que passamos e das expectativas que têm em relação a nós. Todas estas pesadas camadas se foram amontoando por cima da nossa singularidade. Na maioria das vezes, acabamos a desempenhar um papel que nada tem que ver com quem realmente somos. Ao longo do tempo, vamos sentindo que existe um desfasamento enorme entre a identidade que criámos e a pessoa que devíamos ser. Por norma, este fosso é sentido sob a forma de amargura, raiva, angústia, tensão, frustração.

Do alto da sua sabedoria, Chico Buarque afirmou que não temia a mudança, mas que as coisas nunca mudassem. É urgente recriarmo-nos e dar uma oportunidade à individualidade que carregamos. Mesmo que não a vejamos ou não acreditemos nela,

ela está sempre lá. Aonde formos, também ela vai. Precisamos de deixar morrer quem julgávamos que éramos para podermos mudar e ser quem realmente somos.

Não há uma idade exata para que este fenómeno ocorra. Há quem nunca precise de o fazer, pois desde cedo se manteve fiel à pessoa que era. Por medo ou ignorância, há também quem nunca venha a descobrir quem verdadeiramente é. Pouco importa. O importante é assumirmos que não há volta a dar, muito menos, atalhos imediatos. O caminho do autoconhecimento e da descoberta dos nossos recantos mais profundos é a única forma de nos despirmos de tudo o que não nos serve.

Se vieste com essas características ao mundo, é porque o mundo precisa de ti tal como és. Orgânico, espontâneo e livre. É muito fácil e tentador ficar aquém de tudo o que podias ter sido. As armadilhas podem ser imprevisíveis e os obstáculos, desafiantes. No entanto, nem tudo é mau. Pelo menos podes ter a certeza de que não há ninguém melhor do que tu... a fazer de ti.

Deixa-me que te diga:

Só tu podes impedir-te
De ser quem és.

FOME DE VIVER

*Não há céu sem tempestades, nem caminhos sem acidentes.
Não tenha medo da vida, tenha medo de não vivê-la intensamente.*

AUGUSTO CURY

Um dos maiores desafios da minha ainda breve existência sempre foi a falta de paciência. Não numa perspectiva de me exaltar com facilidade, mas de sentir que as coisas não aconteciam à velocidade que desejava. Sempre quis tudo para ontem, porque amanhã já me parecia tarde de mais. Era aquele miúdo que terminava as frases das pessoas, porque já sabia o que iam dizer. Aborrecia-me profundamente ter de esperar, era um martírio. Vendo agora de outro ponto de vista, tinha sido capturado pela ilusão que aprisiona grande parte das pessoas: quanto mais depressa, melhor. Quanto mais depressa soubesse o que queria fazer da vida, mais feliz iria ser. Quanto mais depressa encontrasse a minha outra metade, mais apaixonada seria a minha vida amorosa. Quanto mais depressa conseguisse juntar dinheiro, mais confortável iria ser o meu dia a dia. Claro que se observarmos estes cenários de uma perspectiva meramente lógica e racional, tudo isto parece fazer todo o sentido. Mas será que é assim mesmo que as coisas funcionam? Ou cada coisa tem o seu tempo, ritmo e momento para acontecer?

Tanto eu como a minha namorada somos pessoas bastante ambiciosas. Sonhamos alto e procuramos nunca nos conformar

com a mediocridade, seja a que nível for. Não por vaidade ou ganância, mas por amor-próprio e respeito pela oportunidade que é estarmos vivos. Tentamos não nos contentar com menos do que merecemos, pois é esse o primeiro passo para evitar uma vida morna e sem sentido. Há quem nos chame idealistas e ingênuos, mas será que existe algo mais gratificante do que lutar por uma utopia? Sei que nunca iremos lá chegar, mas, enquanto a mantivermos no nosso horizonte, podemos ir atingindo grandes feitos. Continuo a defender que viver por algo é a melhor maneira de não morrer por nada. Seja o que for. Todos possuímos a força necessária para lutar por alguma coisa, precisamos «apenas» de aprender a escolher de forma sábia as batalhas que escolhemos travar.

Esta fome de viver não possui apenas vantagens. Se não for bem domesticada, pode conduzir à ansiedade e à frustração. Queremos mais do que aquilo que temos e isso pode levar a uma inquietação permanente. E nem me estou a referir apenas a questões materiais. Falo-vos de alcançar determinados objetivos pessoais e evolutivos. Imbuídos deste espírito conquistador, tantas vezes demos por nós a sentir medo de ainda não estarmos onde devíamos. O questionamento excessivo corrói a paz de espírito e não nos conduz a nenhum destino onde valha a pena estacionar. Podemos julgar que seria de esperar já saber mais do que sabemos. Obter um crescimento espiritual mais desenvolvido do que aquele que temos. Ter viajado mais do que já viajámos. Sentir uma estabilidade material maior do que aquela que sentimos. Onde é que falhámos? Porque não atingimos ainda aquilo que idealizámos?

O desafio toma proporções ainda maiores quando cometemos o erro de nos compararmos com outras pessoas. As redes sociais são o palco ideal para isso acontecer. Ao deslizar o dedo pelo ecrã, somos invadidos por uma perfeição que se distancia enormemente da nossa realidade. Roupas perfeitas em corpos igualmente perfeitos. Férias incríveis em destinos paradisíacos.

Refeições saudáveis com menos calorias que um copo de água. Exercício físico diário e de alta intensidade. Casas perfeitas onde não conseguimos encontrar nem um móvel da IKEA. Pensamentos profundos e frases feitas que nos fazem sentir ainda mais desfeitos. Enfim, a lista seria interminável. Se não prestarmos atenção ao desconforto subtil que esta enxurrada de perfeição nos provoca, facilmente somos levados a crer que a nossa vida é completamente insignificante e sem sentido. Como é lógico, não há grande interesse em partilhar uma fotografia quando estamos na fila das finanças ou uma *selfie* ao acordar, ainda incapazes de abrir os olhos, tamanho é o aglomerado de remelas. Sou apologista da divulgação de imagens apelativas, inspiradoras e que me façam sentir feliz pela felicidade dos outros. Não é por causa daquele amigo em terceiro grau que publica uma fotografia na praia que eu estou enclausurado num escritório. Não é aquele *post* patrocinado com uma salada de quinoa que me vai fazer engordar. Não é aquela vigésima sétima fotografia do casamento da minha colega que me vai fazer sentir sozinho. A única coisa que a comparação faz é trazer à superfície questões internas que ainda temos por resolver. Se prestarmos atenção, por que motivo ficamos tristes com as alegrias dos outros? Pois, a resposta é mesmo essa.

Tudo se resume a nós e às expectativas que nos impomos. Quem disse que aos 27 anos já devias ter um emprego estável? Quem disse que aos 32 já devias estar a caminhar para o segundo filho? Quem disse que já era suposto dominares todos os teus medos e fragilidades? Se calhar algumas pessoas já o fizeram contigo. Disseram-te o que ser, como ser e quando ser. Outras vezes foste mesmo tu, condicionado pelo meio que te rodeia, a acreditar que tinhas de completar uma *checklist* imaginária em que, observando com atenção, grande parte dos pontos não faz assim tanto sentido.

Sinto-me ridículo, no sentido mais bem-disposto da palavra, quando olho para trás e vejo todas as emoções negativas que

alimentei por ainda não ser aquilo que julgava que deveria ser. O mais irônico é que sempre sofri com a pressa de chegar mais longe e agora agradeço por tudo ter acontecido no tempo certo. É impressionante a precisão com que cada evento da minha vida se encaixa. Quase como uma longa-metragem, guiada por um fio condutor, onde nada acontece por acaso, nem podemos esperar saber como termina o filme ao fim dos primeiros cinco minutos. Todos os obstáculos, empregos, relações, pessoas, situações, desgostos, tudo, rigorosamente tudo teve de acontecer para que agora seja a pessoa que sou.

Continuo a tentar aceitar e respeitar o *timing* em que a vida se desenrola. Perdi a ingenuidade de acreditar que as coisas acontecem quando eu quero. Tudo acontece quando tem de acontecer. Não tenho de saber nem como nem porquê. Isto não me fez perder a ambição de voar alto. Continuo a querer ir depressa, mas sempre consciente dos meus limites de velocidade. Simplesmente ir dançando conforme o caos, agarrado à convicção de que, mais à frente, tudo irá fazer sentido. Basta ter paciência e não querer tudo para ontem nem para amanhã. Apreciar apenas o hoje e tirar o melhor partido daquilo que o presente tiver para nos oferecer.

Deixa-me que te diga:

É uma questão de tempo
Até o tempo resolver
Todas as questões.

TODO O EXCESSO ESCONDE UMA FALTA

*Do materialismo à espiritualidade, é uma simples questão
de esperar que se esgotem os limites do primeiro.*

RAUL SEIXAS

A futilidade faz parte de um leque de atributos com que nenhuma pessoa almeja ser rotulada. Quem é que quer ser fútil? Ninguém. Só por si, a palavra já encerra um tom meio ofensivo. Ao desconstruí-la, podemos constatar que se trata de, nada mais, nada menos, dar importância ao que é irrelevante. Dedicar energia a coisas completamente superficiais que em nada nos enaltecem, bem pelo contrário. Este é aquele momento em que, delicadamente, pomos a mão na consciência e começamos a listar a quantidade de insignificâncias às quais ainda damos prioridade. Não tem problema, é perfeitamente natural que assim seja. Somos, diariamente, entupidos com tantos estímulos e imprevistos que se torna complicado processar tanta informação. É a realidade que temos, não há grande volta a dar. O que se pode fazer é tentar estar atento e perceber o que merece a nossa atenção. Afinal, o que é mesmo importante? Como distinguir o essencial do acessório? Pode o medo da futilidade travar esta aprendizagem?

É fantástico como, passados alguns anos, ainda continuam a chegar-me lições valiosas da minha experiência no Tarrafal. Na

altura, um dos maiores desafios que enfrentei foi a diferença no acesso a bens materiais e ao conforto a que estava habituado. De um dia para o outro, literalmente, deixei de ter água quente, não podia beber a que saía da torneira, tinha de encher baldes para salvaguardar os dias em que falhava, não havia *Wi-Fi*, suava tanto que a pele já tinha desenvolvido uma cobertura de gotículas permanente, os hábitos alimentares alteraram-se e, por último, dei por mim a digladiar-me regularmente com mosquitos e baratas em casa. Era o que havia e já sabia ao que ia, pelo menos na teoria.

Ao fim de pouco mais de quinze dias, já era outra pessoa. Uma versão todo-o-terreno tinha vindo ao de cima. Deixei de usar repelente; volta e meia, bebia água da torneira e já dava nomes aos insetos lá de casa. Uma coisa aprendi: sejam quais forem as condições, o ser humano adapta-se. Sempre. Basta entrar no espírito, aceitar a realidade e recordar que era exatamente daquele «choque» que eu andava à procura. O facto de ver os habitantes locais a viverem tranquilamente naquelas condições também ajudou. Se eles conseguem, porque não hei de conseguir? Vi fazer muito com muito pouco. Trabalhei com crianças que partilhavam chinelos, pois mais vale dois ao pé-coxinho do que um descalço. Estive em festas em que as vozes e a alegria substituíam qualquer sistema de som. Partilhei refeições com cozinheiras que temperavam a comida com amor e isso chegava perfeitamente. Pude constatar, na primeira pessoa, que os bens materiais podem ajudar, mas que, na sua verdadeira essência, a abundância é meramente uma questão de espírito.

Sem qualquer espécie de paternalismo colonial, posso afirmar que cresci com aquele povo e tomei consciência da importância que dava às coisas erradas. Se não era preciso muito para estar bem, porque passava a vida a correr atrás de objetos e objetivos sem relevância? Quantos sacrifícios já fizera por coisas que depois não fizeram nada por mim? Assim que regresssei a Portugal, comprometi-me a alterar o meu estilo de vida. Adotei um registo

mais minimalista e fui vivendo com o que tinha. Pretendia iluminar-me espiritualmente e, quem sabe, conseguir transcender o plano material. A intenção era boa, mas rapidamente tomou proporções desnecessárias. Cheguei ao ponto de andar com *T-shirts* rotas, tudo porque não queria alimentar o capitalismo feroz do comércio têxtil. Tinha um computador mais lento do que um caracol na fisioterapia e recusava-me a trocá-lo. «Muita sorte tenho eu!» era a ideia que me invadia o pensamento de cada vez que visitava as fotografias e revia a quantidade de crianças cujo sonho era ter um computador. Passei a gastar dinheiro apenas com o estritamente necessário, e tudo o que ultrapassasse esse mínimo já seria futilidade.

Tinha tanto medo de ser fútil que, sem me dar conta, acabei por sê-lo. Vivia obcecado com esta questão do materialismo e com a ânsia de viver de forma modesta e simples. Se me oferecessem algo de marca e, por acaso, tivesse o azar de gostar, o sentimento de culpa era gigante. Passar por uma montra e interessar-me por algum objeto? O pior dos horrores! Era fútil e não sabia. Posicionei-me tanto no extremo que acabei por dar a volta e ir lá parar. Era excessivamente crítico comigo, como se estivesse a fazer algo de errado. Até que um dia, algumas pessoas próximas ajudaram-me a recuperar o juízo. Lentamente, fui percebendo que não tinha mal nenhum querer uma camisola mais cara, um computador mais veloz ou um telemóvel topo de gama. Desde que com conta, peso e medida, essas aquisições iam tornar-me numa pessoa fútil, materialista e sem empatia por quem não pode ter acesso a esses objetos? Nada disso.

Ironicamente, foi o medo da futilidade que me fez dar demasiada importância ao insignificante. Da mesma forma que todo o excesso esconde uma falta, também a austeridade autoimposta e sem necessidade serve para camuflar algum exagero. O que é de mais não presta, já diz o povo e muito acertadamente. Tive de repensar tudo o que vivi em Cabo Verde e também depois, quando voltei a casa, para poder concluir que a aquisição de

determinados bens nada tem que ver com ostentação. A chave está no intuito que nos leva à compra. Preciso deste carro porque, além de seguro e confortável, gosto realmente dele, ou necessito de uma extensão para o meu ego? Comprei este vestido porque me assenta mesmo bem ou, na verdade, estou só a tentar encontrar alguma autoestima nas aparências? Vou de férias para um destino paradisíaco para descansar e desfrutar da água cristalina ou para meter inveja a quem me acompanha nas redes sociais? Também pode ser mais materialista alguém com poucas posses do que o detentor de uma fortuna avaliada em milhões. Nunca se tratou da quantidade, mas sim da atitude.

Deixa-me que te diga:

Só precisamos de garantir
Que não somos possuídos
Pelos objetos que possuímos.

FORA DO SÍTIO

Não é sinal de saúde estar bem adaptado a uma sociedade doente.

JIDDU KRISHNAMURTI

Imagina uma casa. Não importa o que está à volta, quantos pisos tem ou quem lá vive. Foca-te apenas nessa primeira imagem que imaginação te trouxe. É grande ou pequena? De que cor tem as paredes pintadas? Quantas janelas consegues ver? Agora, desloca-te até à porta, roda as chaves na fechadura e entra. Leva-te a passear pelos corredores e descobre quantas divisões há. Já encontraste a cozinha? E os quartos, quantos são? A sala tem lareira? Já viste o teu reflexo no espelho da casa de banho?

Este exercício pode parecer fácil. Todos conseguimos imaginar o interior de uma casa e distinguir as diferentes divisões. O rótulo de cada área deve-se à função que desempenha e aos objetos que lhe permitem cumprir essa mesma missão. Existe uma ordem lógica que nos permite viver de forma harmoniosa e fluida.

Peço-te agora que regresse à casa que acabaste de imaginar. As mesmas paredes, o mesmo chão e a porta de entrada tal como está. A única coisa que vais fazer é pôr o micro-ondas na casa de banho, o bidé na sala, a mesa de jantar no quarto e o roupeiro na cozinha. Seria possível viver com tanta coisa fora do sítio? Claro que sim. Poderíamos tirar o melhor partido desse lar? Óbvio que não. Connosco passa-se exatamente o mesmo.

Conseguimos sobreviver desarrumados e, talvez por isso, conformamo-nos com ter um teto. Limitamo-nos a pousar na primeira divisão que aparecer, mesmo que sejamos uma cama, e a casa de banho, apesar de apertada, se apresentar como um bom lugar para ficar.

A necessidade que o ser humano tem de se sentir integrado manifesta-se logo nos primeiros anos de vida. Temos amigos que nunca mais acabam, não perdemos uma festa de aniversário e estarmos sozinhos é extremamente aborrecido. Na adolescência, não pertencer a um grupo pode ser doloroso, na medida em que podemos tornar-nos mais facilmente vítimas de *bullying*, por exemplo. Isto replica-se na idade adulta com o futebol, a política, o emprego ou a família. Este é o verdadeiro tribalismo, em que raramente se questiona se nos identificamos genuinamente com aquela tribo ou se queremos apenas um aconchego social. Só queremos ser normais, fazer o que todos fazem e cumprir o guião invisível que ainda dita as vidas da maioria. Isto está tão enraizado que, na maioria das vezes, nem nos damos conta de que estamos constantemente preocupados com a pertença a algo. Por não sabermos quem somos, vamos à procura dessa mesma identidade em aspetos exteriores. Isto explica o porquê de quase ninguém responder de forma fluida à pergunta: «Quem és tu?» Se calhar, vamos dizer o nome, a idade, onde vivemos ou o que fazemos, mas será que é mesmo isso que somos? Duvido.

Uma das grandes vantagens das redes sociais é que, volta e meia, o nosso olhar se cruza com um despertador. Algo ou alguém que nos faz acordar para a vida e exclamar: «Como é que nunca tinha pensado nisto?!» No meu caso, foi uma imagem bastante simples e que ainda hoje guardo na memória. Posicionada num fundo branco, estava uma cabeça de alho cheia dos respetivos dentes, com exceção de um. Esse espaço encontrava-se ocupado por um intruso que destoava por completo da restante imagem. Não fosse a cor laranja-vivo e aquele gomo de tangerina passaria quase despercebido. Era precisamente assim

que me sentia. Cabia perfeitamente na sociedade em que vivia, encaixava lindamente, sem grandes alvoroços, mas estaria feliz com o meu lugar? Nem por isso.

Depressa transpus a relação do alho e da tangerina para o mundo que me rodeava. É enorme a quantidade de pessoas que julgam estar no sítio certo, quando, na verdade, se se observassem de fora, rapidamente iriam perceber que aquele não era o seu lugar. Ao contrário da peça de um *puzzle* ou de uma figura de *Tetris*, que, caso sejam mal colocadas, sofrem as consequências de imediato, o gomo camaleónico leva algum tempo até perceber a sua condição. Isto explica o porquê de nos ser tão acessível criar vidas que não são nossas. Andamos todos à procura de um emprego qualquer, de uma relação quase ao calhas e de grupos de pessoas que nos façam sentir integrados. Como se estivéssemos a jogar o jogo da cadeira, mas a música só tocou uma vez. O resto do silêncio é passado a correr, à procura de um lugar para assentar e criar raízes.

A situação torna-se ainda mais preocupante assim que percebemos que o dente de alho em falta, após ver o seu lugar ocupado, muito provavelmente acabou por se enfiar dentro de uma tangerina qualquer. Desistirmos de ser quem somos verdadeiramente também é uma forma de egoísmo. Além de estarmos a preencher-nos com espaços que não nos pertencem, ainda podemos estar a roubar o lugar a outra pessoa. Alguém capaz de, por exemplo, desempenhar a nossa profissão muito melhor do que nós, com o dobro do entusiasmo e metade do sacrifício. O mesmo se passa nas relações, quando duas pessoas permanecem juntas não pelo amor que sentem, mas pelo medo de ficarem sozinhas. Estraga-se uma casa, quando se podiam criar dois lares felizes.

Convido-te a que olhes para a tua vida, sem pressões nem julgamentos. Observa-te apenas. Tenta perceber se és uma casa com tudo no lugar ou se ainda precisas de ir ao sótão cozinhar, visto que foi lá que deixaste o fogão da última vez. Atenção:

também não somos nenhum museu, sendo perfeitamente natural que haja alguma desarrumação. A organização é como ir ao ginásio: só vamos ver os resultados se formos consistentes. Não ponhas logo a carga no máximo; vai aos poucos, sem pressa. Mantém a porta aberta para que possa sair tudo o que está a mais e entrar o que realmente falta. Presta atenção aos sítios onde vais, às pessoas com quem estás e em que atividades gastas o teu tempo. Nos momentos em que o cenário for mais desanimador e tiveres essa noção, não desanimes. Ter consciência do sítio das coisas é tão importante como ter as coisas no sítio.

Deixa-me que te diga:

**Nem tudo o que nos serve
Nos fica obrigatoriamente bem.**

OS MEUS PAIS

Não é da morte que temos medo, mas de pensar nela.

SÉNECA

«Eu não era para estar aqui», concluía eu, de cada vez que tentava analisar tudo o que teve de acontecer para que pudesse nascer. Se houvesse uma fila para descer à Terra, muito provavelmente eu estaria mais no final do que prestes a ser atendido. Não digo isto com pesar, muito menos com amargura. Foi o que teve de ser, como sempre é.

Antes de se juntar com a minha mãe, o meu pai foi casado com outra mulher. Nunca cheguei a conhecê-la. Não por quezílias familiares, mas porque um acidente de viação pôs fim à sua vida ainda eu não era nascido. Com a idade que tenho agora, o meu pai já era viúvo. Um termo pesado para rotular quem quer que seja, muito menos um jovem de 30 anos que na altura combatia na Guerra do Ultramar. Por mais empatia que procure manifestar, jamais irei conseguir imaginar a sua dor. O mundo continua a girar e a vida tem de o acompanhar.

Anos mais tarde, conheceu a minha mãe e decidiram ter um filho.

Não, ainda não foi a minha vez. Calma. Primeiro ainda nasceu o meu irmão, que, tal como a primeira mulher do meu pai, também não tive a oportunidade de conhecer. O Rui tinha dois

anos quando nos deixou, vítima de uma meningite. A dor de perder um filho não tem explicação. Algures entre o «tinha a vida toda pela frente» e o «onde é que eu falhei?», os meus pais foram consumidos por uma dor incomensurável. Aos 20 anos, a minha mãe já tinha assistido à perda dos seus pais, no espaço de seis meses. E agora isto. Algo contranatura, que não é suposto e com que muito menos se pode aprender a lidar antes de acontecer. São momentos como este que me fazem desejar que exista algo do lado de lá, uma continuação, um permanecer do conteúdo, independentemente do prazo de validade da forma.

Assolados pelo que lhes aconteceu, faltavam-lhes as forças para manter de pé a vontade de ter um filho. E se voltasse a acontecer o mesmo? Como lidar novamente com tamanha dor? Não sei. Ninguém sabe. O único facto que posso confirmar é que aqui estou, desde a última volta dos anos 80. Fruto de um conjunto de situações trágicas, mas sem as quais não estaria aqui a escrever estas palavras. Se tudo tivesse corrido bem, sem acidentes nem azares, estaria eu aqui? Teria a fila andado tão depressa? Também não sei, mas gosto de refletir sobre isto.

Como devem calcular, nenhum destes acontecimentos fez o cronómetro parar. Daí podermos dizer que já nasci «tarde», para mais numa época em que não era tão frequente isso acontecer. Na altura, a minha mãe tinha 38 anos. O meu pai, 45. Além de terem idade para serem os progenitores de alguns pais de colegas meus, ambos envergavam um vasto cabelo grisalho, caso ainda restassem dúvidas relativamente à sua data de nascimento. Ao contrário do estigma que atormentava as primeiras crianças com pais divorciados, algo novo naquela época, para mim não havia qualquer inconveniente na maturidade dos responsáveis pela minha educação. Afinal de contas, era aquela a minha realidade, o meu «normal». Para quê ficar triste?

O incómodo com os cabelos brancos chegou mais tarde, com um episódio que se tornou recorrente na minha infância. Sempre que entrávamos numa loja ou restaurante — qual simpatia

inconveniente qual quê? —, os meus pais eram interpelados com a seguinte pergunta: «Então, vieram passear com o netinho?» Isto nunca aconteceu por mal, obviamente. No entanto, o desconforto de aparentarmos ser algo que não éramos deixava-me triste. Hoje consigo percebê-la perfeitamente, mas na altura chegava-me a fazer alguma confusão a forma descontraída com que os meus pais desfaziam o mal-entendido. Tudo o que eu queria era ser normal e passar despercebido. Seria pedir assim tanto?

A idade avançou e com ela também cresceu a capacidade de lidar com estas situações confrangedoras. Até já achava alguma piada ao *look* alternativo dos meus pais. O que já não teve assim tanta graça foi a aritmética compulsiva que começou a pairar sobre as minhas preocupações. Houve um dia em que me caiu a ficha e fiquei fechado em volta de uma tormenta. «Então, se os meus pais são mais velhos do que é normal, isso quer dizer que vou perdê-los antes do que é suposto?» — não imaginam a angústia. Contra factos, não há argumentos, pensava eu, enquanto me deixava contaminar por um receio inexplicável. Não queria perder quem me trouxe ao mundo antes do tempo. Quanto mais projetava este acontecimento para um futuro breve, mais ansioso e melancólico ficava.

Pela primeira vez, tive de lidar com o medo da perda e aprender a gerir pensamentos menos positivos. Não tenho nenhum gosto em fazer esta afirmação, mas a verdade é que ver outros pais, mais novos do que os meus, a partir antes, ajudou-me a relativizar. Percebi que a ordem natural das coisas utiliza uma calculadora diferente da minha. Nem tudo é assim tão lógico e previsível. Despedir-me dos meus pais, antes de terem a partida agendada, revelou-se um enorme desperdício de energia. Fiquei triste antes de tempo, chorei fora de horas e sofri à custa da imaginação. Mesmo que as minhas premonições estivessem certas, de que me servia estar preocupado? Nada iria mudar, rigorosamente nada. Acabou por não ser tempo perdido, porque,

graças a esta experiência, pude aprender algo valioso. Ainda assim, teria sido bem mais proveitoso ter trocado esses instantes de agonia por momentos de alegria junto deles.

Hoje, quando vamos almoçar fora, o neto já passou a filho. Deixei de fazer contas e o meu objetivo passou a ser apenas um: tentar somar o máximo de momentos felizes que conseguir. Sinto-me em paz, feliz por ver os meus pais bem, de boa saúde e com os mesmos cabelos brancos de sempre. Isto não me garante que amanhã será igual, mas permite-me aproveitar o que ainda posso viver hoje.